



GIZELE ALMEIDA.

Gizele Almeida, 41 anos, neuropsicóloga e professora, sua prática docente iniciou desde muito cedo, muito provavelmente por influência da sua mãe, Milenia Vaz, professora primária muito conhecida no bairro onde moravam, em uma periferia da cidade de Sete Lagoas/MG, na qual lutou ativamente para implantação da primeira escola pública da região, a Escola Estadual “Professora Elza Moreira Lopes”, onde permaneceu lecionando até 1996, quando se aposentou.

Desse modo, sempre que evoca algum dado da sua infância, sempre vêm reminiscências da sua mãe lecionando nessa escola e a Gizele lá, ao lado dela.

Tudo girava em torno do “Elza Moreira”; passava praticamente o dia inteiro lá, até nas férias escolares levava os brinquedos para brincar no pátio, no período em que sua mãe era assistente de turno e, por isso, cumpria carga horária diferente dos demais docentes.

Enfim, sabia de tudo do “Elza”, acompanhou de perto desde a construção das suas primeiras quatro salas até, anos mais tarde, dos demais pavilhões e a tão sonhada quadra de esportes.

Nessa escola aprendeu muito dos conteúdos formais que utiliza até hoje, no mestrado. O seu estilo de escrita, por exemplo, se deve à sua querida professora da 4ª série, a tia Rogéria, por meio da qual foi apresentada à magnitude da língua portuguesa, cujo fascínio fez, naquela idade, mergulhar em livros como os de uma surrada coletânea de Machado de Assis, presente do seu avô à sua mãe.

Ainda no “Elza”, aprendeu outras lições igualmente importantíssimas, como, por exemplo, a convivência social com crianças que apresentavam comportamentos discrepantes e realidades sociais muito diferentes da sua. Também aprendeu a enfrentar as adversidades: mesmo apresentando padrão de seletividade alimentar, para se sentir pertencente ao grupo, lá encarava até leite integral puro, carne de soja, farofa de ovo e sopa de macarrão.

Entretanto, muito provavelmente, o mais importante que a Gizele aprendeu nesse período foi a importância de se lutar por uma **escola pública gratuita e de qualidade**. Mais do que isso, aprendeu, na prática, o significado da palavra “**equidade**”.



Lembra de ver sua mãe optar, em vários anos consecutivos, por dar aulas para turmas, na época alcunhada de "Classe Especial", composta por meninos "segregados", por apresentarem alguma neurodiversidade. Nessas salas havia todo tipo de dificuldade, seja social, financeira, cognitiva, afetiva ou mesmo defasagem na aprendizagem, propriamente dita. Havia meninos de todas as idades e graus de escolaridade, agrupados por cumprirem único critério: não se adequavam à "norma" ou apresentavam algum tipo de "barreira para o aprender".

Inúmeras foram as situações sobre as quais, hoje, reflete teoricamente: presenciava, rotineiramente, sua mãe folhear diversos livros, retirando deles atividades diferenciadas, adaptadas às especificidades de cada um de seus alunos.

Viu sua mãe pegar peças íntimas na sua gaveta e, ao se questionar, responder que você tinha muitas calcinhas, enquanto havia algumas alunas que não tinham nenhuma. Vi-a, também, lavando cabelo das crianças na hora do recreio. Viu também sua mãe angariando recursos com comerciantes locais para comprar filtro de barro para a sala e blusa de uniforme para os meninos que não detinham condições de adquiri-las. Viu tanta cena linda de luta por equidade que todas elas, se aqui registradas, seriam suficientes para compor outra dissertação.

Mas também presenciou muitas cenas duras e marcantes, tais como de uma determinada professora, que visitou a sua turma e, quando estava saindo à porta, disse para sua querida Tia Luciene (a quem chama assim, carinhosamente, até hoje): *"Não sei por que você se dedica tanto a essa turma, pois desta favela não sairá nada que presta!"*

Enfim, é notório e evidente que ela respira "ESCOLA", tanto é que está numa até hoje! Atualmente atua como Neuropsicóloga Escolar no Centro Educacional CESGRA, lotada na Secretaria Municipal de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG. Porém, antes, lecionou por mais de 15 anos, da Educação Infantil à EJA.

Em 1997, aos 17 anos, concluiu o curso técnico de Magistério e iniciou a docência para turmas da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.

Aos 18 anos concluiu seu segundo curso de Ensino Médio, Técnico em Química. Entretanto, optou pelo magistério e, prosseguindo nesse percurso, concluiu, aos 22 anos, a graduação em Ciências, com Licenciatura Plena em Matemática. Aos 24 anos, concluiu a Especialização em Matemática e Estatística.



Permaneceu lecionando para a Educação Infantil ininterruptamente, desde 1997 e, em 2002, agregou a docência de Matemática, para alunos das séries finais do ensino fundamental, Ensino Médio e EJA, até 2007. Em 2012, retornou à docência, como professora do Curso de Magistério, na disciplina de psicomotricidade. Nesse percurso da docência, desde muito cedo algo a intrigava: o que havia em determinados alunos que, apesar de demonstrarem deter cognição preservada, ainda assim, não conseguiam se desenvolver plenamente no processo de aprendizagem? O que havia nesses alunos que ela, enquanto professora, não conseguia identificar? O que havia neles que atravancava sua docência?

Em contrapartida, o que havia nesses alunos que tanto remetia ao seu processo pregresso de escolarização e todas as dificuldades nele presentes? O que havia neles que tanto lhes atravancara a postura doscente?

Considerando-se que todo conhecimento se produz a partir de um “não saber”, de uma dúvida, foi essa necessidade de buscar respostas a tais questões que se propulsionou, em 2005, a iniciar o curso de graduação em Psicologia na UFMG, sendo que o foco dos estudos verteu-se para as questões do desenvolvimento humano, a infância e a adolescência e, mais especificamente, o modo como se dão os complexos e processos de aprendizagem.

Em 2010 concluiu a graduação em Psicologia e, no ano seguinte, foi aprovada em concurso público para o cargo de Psicóloga no município de São Gonçalo do Rio Abaixo/MG, onde atua como psicóloga escolar. Nesse espaço, a mesma questão continuava a se instigar ainda mais: havia a necessidade de compreender como o cérebro aprendia. Foi então que embreou pelos caminhos da Neurociência, mais especificamente a **Neuropsicologia**. Atualmente se encontra circunscrita nesse espaço: todo o conhecimento técnico-científico até então adquirido, atrelado à experiência docente durante todos esses anos, pôde se juntar em prol do atendimento aos alunos com neurodiversidades, dentre elas, Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). A Gizele diz que a sua experiência está sendo maravilhosa! E que é extremamente gratificante atuar no espaço escolar, colaborado com o rompimento das relações de poder, que enxergam o aluno que possui alguma condição neurodiversa que lhe dificulte a aprendizagem como sendo um sujeito “aquém”, sobre o qual só se voltam práticas e políticas excludentes, “medicalizantes”, “patologizantes” e “judicializantes”.



Assim, considera que a Neurociência aplicada à Educação tem muito a contribuir para com a produção e sustentação de uma área de conhecimento que considere o aluno como "um todo", e não tão somente pelo viés de uma suposta condição neurobiológica, referenciada por uma nosografia diagnóstica.

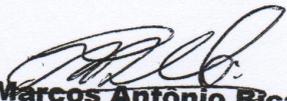
Exatamente neste ponto a sua história docente confluiu com o Mestrado MPEC da UFOP: somente um curso de mestrado profissional tão exímio quanto este poderia proporcionar a oportunidade de utilizar da pesquisa científica como instrumento de aprimoramento e embasamento, para auxiliar cada vez mais aos alunos com a condição neurodiversa do TDAH a se emanciparem de um diagnóstico-rótulo e, em vez disso, convertê-lo em diagnóstico-mapa, para que se apropriem do saber sobre si mesmos e, por conseguinte, possam se apropriar efetivamente dos saberes do mundo, inclusive para além da educação formal.

O impecável corpo docente do MPEC, com professores altamente capacitados e atualizados, com aulas que fluem com uma didática excelente, tudo isso colabora para que a experiência de cursar o mestrado na UFOP seja maravilhosa, indescritível.

Mais especificamente, a Gizele pode compor, durante o período do mestrado, a equipe do Laboratório de Neurociências e Educação – LANED (ICEB/UFOP), sob a égide da Prof.^a Dr.^a Luciana Hoffert, é, sem dúvida, sua experiência extremamente rica e colaborativa, não só por seu apoio, como também de todos os seus demais membros. E por fim a Gizele diz, é incomensurável o aprendizado adquirido nesse percurso, motivo pelo qual só tem a agradecer e a enaltecer a todas e todos os envolvidos!

Parabenizo, e dedico hoje essa moção de aplausos a essa mulher, mãe, filha, amiga professora, neuropsicóloga... GIZELE ALMEIDA pela competência, profissionalismo e dedicação a sua profissão, na qual tenho a honra de homenagear e agradecer pelo excelente trabalho já prestados e que veem se desenvolvendo em nossa cidade.

Ante o exposto, e ouvido em plenário e atendidas as formalidades regimentais, requeiro que fique constado na ata desta sessão legislativa, Moção de Aplausos a GIZELE ALMEIDA, que deverá ser entregue na próxima reunião ordinária.


Marcos Antônio Bicalho

VEREADOR